



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

**LIVRO-REPORTAGEM PERFIL:
O JORNALISMO SETENTINHA: A HISTÓRIA DA IMPRENSA AMAPAENSE NA
DÉCADA DE 70**

**ELOISY KAROLINY ALMEIDA DOS SANTOS
SILVIA ANDRÉA DOS SANTOS CRUZ MACIEL**

**Macapá
2017**

**ELOISY KAROLINY ALMEIDA DOS SANTOS
SILVIA ANDRÉA DOS SANTOS CRUZ MACIEL**

**LIVRO-REPORTAGEM PERFIL:
O JORNALISMO SETENTINHA: A HISTÓRIA DA IMPRENSA AMAPAENSE NA
DÉCADA DE 70**

Memorial Descritivo do Projeto Experimental Livro-Reportagem perfil “O Jornalismo Setentinha: A História da Imprensa Amapaense na Década de 70”, apresentado ao Curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Amapá como requisito final à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Professor (a) Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Roberta Scheibe.

**MACAPÁ
2017**

SUMÁRIO

1 RESUMO	4
2 INTRODUÇÃO.....	5
3 PROBLEMA.....	7
4 HIPÓTESE	8
5 JUSTIFICATIVA.....	9
5.1 O Surgimento.....	11
5.1.1 Os meios de comunicação na década de 70.....	12
6 OBJETIVOS.....	14
6.1 Geral.....	14
6.2 Específicos.....	14
7 REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
7.1 Breve Histórico do livro-reportagem.....	15
7.2 A inspiração nas técnicas do Jornalismo Literário.....	18
7.3 Memórias e Biografias.....	20
8 METODOLOGIA.....	24
9 DESCRIÇÃO DO PRODUTO	27
10 CONCLUSÕES.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
ANEXOS.....	37
CRONOGRAMA.....	38
ORÇAMENTO.....	40
PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL.....	41

1. RESUMO

O Livro-Reportagem perfil: O Jornalismo Setentinha: A História Da Imprensa Amapaense Na Década De 70”, o produto deste memorial, realizou uma compilação de relatos de jornalistas locais sobre o jornalismo praticado no Amapá na década de 70. O produto fez um resgate das memórias destes profissionais que carregam em suas lembranças os cenários do jornalismo na década em questão. O trabalho abrangeu os veículos de comunicação de jornal impresso, rádio e televisão, que surgiram na década de 70 e aqueles que surgiram em datas anteriores, mas ainda estavam em atuação na década foco da pesquisa. Para a escrita do livro-reportagem utilizamos a linguagem jornalística e pequenas inspirações no Jornalismo Literário, no que se refere a perfil biográfico e suas características de narração e descrição. Como método nos apropriamos pesquisa histórica e documental para garantir a veracidade das informações contidas no texto; e sobretudo nos utilizamos da etnobiografia, que envolve os métodos e as técnicas da entrevista em profundidade e da história de vida, porque estas aprofundam a trajetória de cada personagem como forma de contar a história do jornalismo amapaense na década de 70. Este memorial detalha a elaboração do produto livro-reportagem e as teorias e métodos que nos embasamos para construí-lo.

Palavras-chave: História, Jornalismo, Amapá, Memórias, Perfil.

2. INTRODUÇÃO

O presente memorial refere-se à produção de um livro-reportagem apresentado como Projeto Experimental equivalente a Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (Unifap). O produto jornalístico aqui descrito contém relatos e perfis de profissionais e estudiosos que experienciaram a prática jornalística no Amapá na década de 70. Através de suas memórias estes sujeitos e personagens forneceram algumas versões para um dos registros da “história da comunicação no Amapá” que está em importante fase de estudos por acadêmicos e pesquisadores.

O Livro-reportagem objetivou mostrar ao leitor como apresentava-se o fazer jornalístico na respectiva época – e em quais condições -, a partir de relatos de profissionais que atuaram nos três meios vigentes: jornal impresso, rádio e TV. E principalmente contribuir para que não se perca a memória dos entrevistados, que caracterizam a imprensa da época. Estes narram como eram as notícias, as redações, os estúdios, contam histórias, grandes experiências que viveram e que, se não fossem registradas, se perderiam com o passar dos anos, visto o ciclo natural da vida: nascer, crescer, morrer.

Para não deixar que o conhecimento dessas pessoas e suas descrições sobre o jornalismo amapaense nos anos 70 se perca, buscamos contribuir com história social do Amapá, com futuros acadêmicos e admiradores do jornalismo local. Também produzimos e escrevemos um livro-reportagem perfil, onde alguns personagens centrais narram suas memórias e um perfil biográfico de cada um deles é escrito. Perfil e biografia enfocam a vida do personagem, porém a biografia é um texto mais extenso, que abrange boa parte da trajetória do personagem. O perfil é um subgênero da biografia e abarca parte – ou um fato, um depoimento - da vida do sujeito.

A bibliografia histórica sobre as origens e desenvolvimento do jornalismo amapaense são poucas, e a maioria encontra-se em acervos particulares, fato que dificulta o acesso do grande público. E acerca dos anos 70 são mais escassas ainda. Este foi um dos motivos que nos levaram a delimitar o tema.

Para angariar conteúdo relevante o suficiente para se tornar um livro-reportagem, as autoras entrevistaram fontes que participaram ativamente da imprensa local - muitas vezes trabalhando nos três meios de comunicação enfocados - no referido período delimitado. Além de jornalistas, foram consultados o historiador e

também jornalista Edgar Rodrigues, o professor Antônio Munhoz e foi realizada pesquisa histórica e documental, a fim de garantir a veracidade das informações contidas no livro.

Para obter maior liberdade de escrita e proximidade com a linguagem falada pelos entrevistados, com o objetivo de transportar o leitor para o cenário descrito no livro-reportagem, foi utilizada uma linguagem mais informal com características do jornalismo literário, especificamente do gênero Novo Jornalismo. As autoras tiveram liberdade estilística para escolher suas inspirações e o resultado foi que a autora Eloisy Karoliny Almeida dos Santos optou por utilizar uma escrita mais irônica e engraçada e a autora Silvia Andréa dos Santos Cruz Maciel fez uso da linguagem mais poética e lírica. A linguagem coloquial que os personagens utilizaram para se expressar e falar durante o contato com as entrevistadoras/autoras também é preservada no livro-reportagem.

3. PROBLEMA

Existem pouquíssimas obras e publicações que narram as histórias do jornalismo amapaense como um todo – há textos isolados, ou trechos desta temática dentro de alguns livros – e em acervos particulares; menos ainda os voltados especificamente para as memórias dos profissionais da imprensa que vivenciaram a década de 70 no Amapá, como citado anteriormente. É notório que como manda a lei da natureza, uns morrem e outros nascem. Com o passar dos anos, os profissionais que atuam na área desde a década foco deste projeto, e que possuem a lembrança da vivência deste tempo, estão partindo com o avançar da idade. Assim, como jornalistas e pesquisadoras em formação é de extrema importância conhecer sobre a prática profissional escolhida, neste caso, o jornalismo. Desta forma, o problema de pesquisa deste trabalho é: Qual a melhor forma jornalística no espaço do livro-reportagem, de linguagem, tipo classificatório de reportagem e estilo de texto, para documentar relatos sobre a história do jornalismo local?

E para conhecer o jornalismo local a fundo, é preciso conhecer sua história, suas origens e as de quem o fez ser o que é atualmente: os jornalistas. Portanto, realizar uma coleta de dados e relatos destes profissionais, compilá-los e registrá-los em forma de um livro-reportagem é uma forma de manter viva a história da profissão, a memória destes jornalistas e homenageá-los.

Este ato faz-se necessário para que os futuros profissionais e pesquisadores tenham referencial teórico necessário para embasar futuros trabalhos como este.

A época da Ditadura Militar, a censura, o primeiro sinal de televisão nas casas dos amapaenses, a estrutura local, entre outros; abrange a história da população amapaense, que se confunde com a história do jornalismo. Assim, registrar esses fatos históricos é também uma espécie de retorno da academia à comunidade local.

Um dos grandes objetivos das universidades é formar pesquisadores e deixar material de pesquisa para as futuras gerações. Como podemos manter viva a história do jornalismo amapaense sem realizar uma pesquisa, um apanhado e ouvir testemunhas oculares vivas? É pensando nisso que o projeto experimental deste livro-reportagem sobre a história do jornalismo na década de 70 foi pensado e realizado.

4. HIPÓTESE

Pensamos numa hipótese para o produto jornalístico, e em uma hipótese para o conteúdo do produto. Com relação ao memorial, nossa hipótese é de que relatos e memórias funcionam melhor como livro se encaixarem-se no gênero da biografia, ou subgênero perfil, porque os sujeitos narram a própria história, a constroem e recriam, colocando-se como personagens principais, coadjuvantes ou figuras oculares da história, colocando como pano de fundo a história da profissão desses personagens, neste caso, o jornalismo. E se o estilo de escrita do perfil for mantido, isto será melhor evidenciado para o leitor, que se interessa mais em mergulhar na história; partindo de personagens e não de fatos cronológicos como é comum encontrar em outras obras.

Já como hipótese do produto observamos, após pesquisas bibliográficas, que os anos 70 são fundamentais para o jornalismo amapaense, porque é nesta década que a comunicação no estado se profissionaliza. É neste período também que se encontram em pleno funcionamento os três veículos de comunicação que gostaríamos de abordar no produto: jornal impresso, rádio e televisão.

5. JUSTIFICATIVA

Faz parte da essência do ser humano querer conhecer sua história, suas origens e mantê-las vivas, afinal elas são importantes para saber de onde partimos, onde estamos e possivelmente para onde iremos. Cientistas de todo o mundo pesquisam nossos primórdios e até hoje existem perguntas sem respostas, mas a busca por elas é incessante.

O mesmo se deve à origem de outros assuntos, coisas e até mesmo práticas. Com o jornalismo não poderia ser diferente, pois trata-se de uma atividade essencial para o mundo e para a construção da sociedade. É por meio dele que divulgamos e retratamos fatos e acontecimentos que formatam a própria história da humanidade e a construção da atividade jornalística do local em que se vive.

O surgimento mundial do jornalismo é confuso, cheio de especulações e deduções. O mesmo acontece com o início da prática no Brasil. De acordo com Romero (2008), em seu artigo intitulado “O nascimento do jornalismo no Brasil”, o Correio Braziliense é considerado o marco inicial do jornalismo no país, pois sua criação no ano de 1808, o transformou no folhetim oficial e conseqüentemente classificado como o primeiro meio de comunicação impresso brasileiro, mas existiram publicações extraoficiais, não reconhecidas pelas autoridades e que noticiavam fatos que os políticos e as autoridades da época não gostariam que fossem divulgados, como “O Correio”.

Ambos os periódicos eram editados e impressos em Londres, capital da Inglaterra, devido a impressão e criação de material deste tipo ainda ser uma novidade nas terras tupiniquins que ainda não possuíam o maquinário e as técnicas necessárias para sua produção.

No estado do Amapá, a situação quanto à origem da prática do jornalismo também repete esta realidade. Existe pouco material, bibliografia e referências que mostrem o surgimento ou as histórias mais antigas da comunicação social no Estado.

Se procurarmos na biblioteca da Universidade Federal do Amapá, instituição de renome no quesito das pesquisas históricas e acadêmicas, encontramos diversos títulos que falam sobre o jornalismo geral e alguns que relatam fatos da história do Amapá. Há textos dispersos sobre a história da comunicação local. Mas sobre a história e o surgimento do Jornalismo Amapaense, não há nenhuma obra destinada exclusivamente ao tema.

Um dos fatores que contribuem para este acervo temático reduzido, é que a própria Universidade Federal do Amapá demorou a oferecer o curso de jornalismo e profissionalizar estes jornalistas (abrangendo um número maior de pessoas, as quais não podiam pagar pelo curso que a faculdade Seama já oferecia), que queriam seguir a profissão. A UNIFAP é reconhecida por incentivar a prática da pesquisa tanto em seu corpo discente como no docente, mas ainda se especializa neste tema, e ainda há carência de pesquisadores específicos da área da história do jornalismo amapaense.

Existem sim, pesquisas sobre fatos históricos em diversas décadas, como o naufrágio do barco Novo Amapá, ocorrido em 6 de janeiro de 1981; alguns artigos escritos por alunos sobre a história da imprensa local (inclusive no livro História da Comunicação Amapaense, organizado pelas professoras Roberta Scheibe e Isabel Augusto); e materiais disponíveis em bibliotecas particulares como nas dos entrevistados. Um grande exemplo disso é o jornalista e pesquisador Edgar Rodrigues, um dos personagens do livro-reportagem que possui um acervo rico e grandioso sobre o assunto. Porém, estes acervos pessoais não são de fácil acesso se o pesquisador/leitor não conhecer a pessoa, não souber onde ir especificamente e ter contato com os donos dos acervos.

Por isso se faz necessário a criação de um objeto de pesquisa da história do jornalismo, neste caso, voltado para a década de 70, por meio de livro-reportagem, para contar estas histórias, para que as futuras gerações de jornalistas saibam e perpetuem as raízes da profissão que escolheram, no local onde irão atuar.

5.1 - O Surgimento do Jornalismo no Amapá

O jornalista, pesquisador e filósofo Edgar Rodrigues realizou uma pesquisa aprofundada baseada nos poucos documentos históricos do período em que o estado do Amapá ainda era território, para escrever seu texto “As Comunicações Sociais no Amapá”, publicado no site Ache Tudo e Região¹, em setembro de 2007, segundo o próprio autor. Este material pontua os principais meios de comunicação que surgiram no Amapá ao longo das décadas. Ele conta que o primeiro folheto que pode ser considerado o primeiro jornal impresso do Amapá é intitulado Pinsonia².

O PINSONIA, sendo historicamente o primeiro³ Amapá [sic] ⁴prescreve o esforço e a dedicação de vários intelectuais e empresários ligados ao setor que, mesmo diante de dificuldades geradas pela falta de estrutura para o setor, no início do Território do Amapá, se colocaram na posição de pioneiros e, hoje, graças a eles, o Estado teve um grande avanço neste campo, contribuindo para um aprimoramento no ramo das comunicações (RODRIGUES, 2007, NP).

Este jornal foi lançado em 15 de novembro de 1895, por Joaquim Francisco de Mendonça Junior e José Antonio Siqueira. Segundo o texto Primeiro Jornal de Macapá, publicado em 2013, no site Achei Macapá⁴, Mendonça Junior era conhecido na cidade do Pará pelos poemas que escrevia, com o pseudônimo de Múcio Javrot. Ele se uniu ao comerciante José Antonio Siqueira, e juntos lançaram o primeiro jornal de periodicidade semanal, tipo tabloide no Amapá. A tipografia era fabricada na Alemanha e inicialmente sua instalação foi na cidade de Belém. O Pinsonia somente foi impresso em Macapá na data de 14 de julho de 1897, com o maquinário necessário para sua produção sendo transferido para a capital do Amapá.

Como já foi dito anteriormente, poucas são as bibliografias e estudos que narrem esta época do surgimento do jornalismo no Amapá, atribuímos a este fato, o motivo de não obtermos mais detalhes sobre o surgimento do Pinsonia e de demais periódicos que surgiram com o passar dos anos.

Há um silêncio teórico e epistemológico sobre a história dos meios de Comunicação no Amapá. Raros historiadores e comunicólogos fazem registros bravos, breves e isolados sobre o que neste Estado brasileiro aconteceu desde o princípio de sua imprensa, em 1895 com o primeiro jornal

¹ O texto pode ser encontrado no site: http://www.achetudoeregiao.com.br/ap/macapa/As_comunicacoes_sociais.htm

² Autores divergem quanto a escrita da palavra Pinsonia, alguns utilizam com acento circunflexo na segunda sílaba tônica, outros não. Neste presente trabalho utilizaremos como o jornalista e historiador Edgar Rodrigues o faz, sem o acento. No link <http://www.acheimacapa.com.br/noticia/89/primeiro-jornal-de-macapá>, acessado em 05 de março de 2017, é possível ver uma página digitalizada do periódico, porém não é possível ver a existência ou não do acento.

³ Na grafia original há este erro de digitação. O autor se refere ao primeiro jornal implantado no Amapá.

⁴ O texto pode ser encontrado no site: <http://www.acheimacapa.com.br/noticia/89/primeiro-jornal-de-macapá>.

impresso, o Pinsônia (AUGUSTO e SCHEIBE, 2013, p. 1).

Este fato histórico possui grande importância e deve ser citado. No entanto, este trabalho deu um salto no tempo e se debruçou nos relatos dos profissionais que atuaram em jornais, rádio e TVs na década de 70, para obter suas versões históricas e construir um texto jornalístico para o livro-reportagem escrito. Esta década foi escolhida ainda durante a produção do pré-projeto ao observarmos que neste período é possível abranger os três veículos de comunicação: jornal impresso, rádio e televisão, pois eles estavam em pleno funcionamento, fato que permite uma melhor observação da realidade da comunicação no Amapá. Outro fator decisivo na escolha desta década foi o surgimento do sinal de televisão no Estado, um momento marcante na história do Amapá e das comunicações que não poderia deixar de ser incluído no trabalho. Inclusive foi sugerido pela banca que integrou a qualificação do pré-projeto.

Os primeiros meios de comunicação jornalísticos no Amapá surgiram na capital, Macapá. Primeiro veio o jornal impresso, logo depois o rádio e por último a inovadora televisão.

Os profissionais que atuaram nestes primeiros meios de comunicação foram os responsáveis por noticiar desde acontecimentos do cotidiano amapaense, até fatos históricos da construção do estado do Amapá, de seu povo, e conseqüentemente do jornalismo local.

5.1.1 – Os meios de comunicação na década de 70

O texto “As Comunicações Sociais no Amapá”, de Edgar Rodrigues e os relatos dos jornalistas entrevistados como a Alcinéa Cavalcante, foram a base informativa consultada para chegar à relação de veículos incluídos no trabalho e ponto de partida para a escolha dos profissionais entrevistados.

Durante a década de 1970 o jornalismo já caminhava rumo ao futuro com a implantação do sinal de televisão no período de 1973 a 74, que resultou na instalação e exibição da primeira emissora de televisão do estado do Amapá, a TV AMAPÁ, entre 1974 e 75, ligada a Rede Amazônica de Televisão, filiada à Rede Globo. Este grupo é oriundo do estado do Amazonas. Isto foi um grande avanço para uma população que até esta data, apenas tinha contato com o jornal impresso e o radiofônico.

A TV AMAPÁ continuou investindo na comunicação e logo criou suas repetidoras nos municípios do estado, sendo a TV Oiapoque e a TV Cabralzinho, em 1978. Houve

também o surgimento da TV Equatorial, em 1978.

O veículo de comunicação mais antigo que consta no livro-reportagem é o rádio, com a Rádio Difusora de Macapá criada em 1946, mas em completa atividade na década de 1970 e nos dias atuais. Totalmente vinculada ao governo em vigência, ela possuía – e possui - programas informativos responsáveis por noticiar atividades relacionadas ao governo, mescladas com alguns fatos do cotidiano e programas voltados para a comunidade, como o “Alô Alô Amazônia”, onde os ouvintes enviavam recados para as comunidades ribeirinhas distantes da capital.

Em contrapartida à Difusora, surge a Rádio Educadora São José no período de 1968 a 1978. Pertencente à Igreja Católica, esta rádio assumia o importante papel de opositora ao regime de governo da época, dando sua contribuição para um dos meios de comunicação mais utilizados no estado do Amapá.

O impresso também possuía representatividade no período de abrangência deste trabalho, na verdade esta foi a década marcada por um verdadeiro “boom” de periódicos, sendo eles: A Voz Católica (1966 a 1972); Jornal do Povo (1973); Fronteira (1973); Jornal do Amapá (1974) que não é o mesmo jornal que existe atualmente (este foi produzido somente até a década de 80); Jornal Marco Zero (1978) e o Amapá Estado (1978).

Assim, foram escolhidos os profissionais que atuaram neste período e que ainda estão vivos para que pudessem dividir um pouco de sua história profissional vivida e conseqüentemente a história do jornalismo amapaense na década de 70, que ajudaram a construir.

6. OBJETIVOS

6.1 - Geral

Produção de um livro-reportagem perfil que apresente as memórias de profissionais que atuaram ou estudaram o jornalismo amapaense na década de 1970, para averiguar como era o jornalismo e em que condições técnicas e de equipamentos ele era praticado; ratificando o produto no registro de um período histórico do Amapá.

6.2 – Específicos

- Escolher como personagens jornalistas amapaenses que tenham atuado na área de televisão, do rádio e do jornal impresso para contarem sobre suas experiências na profissão e por meio destas versões relatar parte da história, ou uma visão, do jornalismo amapaense na década de 70.

- Realizar entrevistas em profundidade para contar a história profissional dos jornalistas escolhidos e conseqüentemente a história do jornalismo amapaense;

- Ouvir um historiador que embase tecnicamente os relatos dos jornalistas para dar maior credibilidade aos fatos históricos abordados.

- Utilizar algumas características específicas do Novo Jornalismo (narração, descrição, detalhamento cena a cena e uso de diálogos em alguns momentos do texto) como forma de abordagem sobre as histórias de jornalistas locais mais antigos;

- Resgatar a memória dos profissionais mais antigos e impedir que suas histórias, as quais contribuíram para o jornalismo amapaense atual, sejam esquecidas.

- Contar a história do Jornalismo por meio do perfil biográfico dos profissionais entrevistados.

7. REFERENCIAL TEÓRICO

7.1 – Breve Histórico do Livro-Reportagem

Em nível mundial, o livro-reportagem passou a ser conhecido e reconhecido no período pós Segunda Guerra. John Hersey, com a reportagem “Hiroshima” em 1946, veiculada na revista *The New Yorker*, foi o estopim para a vertente. A obra tratava de contar sobre a explosão da bomba nuclear de mesmo nome a partir dos relatos de sobreviventes do referido sinistro. Mais tarde, com o sucesso da publicação, tal reportagem foi editada e publicada como um livro-reportagem, devido à dimensão de seu alcance, a qualidade do texto e a importância do tema, além da forma diferenciada de apuração.

Outro grande nome do livro-reportagem e da corrente do Novo Jornalismo foi Truman Capote, com “A sangue frio”. Este livro, publicado em 1966, no estilo Novo Jornalismo (*New Journalism*), contava a história de uma família vítima de chacina. O texto final do livro – que levou 10 anos para ser escrito – só foi possível depois de longos anos de investigações feitas pelo autor.

No Brasil, a disseminação do livro-reportagem deu-se entre os anos 1965 e 1970, com a revista “Realidade” e o “Jornal da Tarde”. Ambos veículos foram os primeiros a inovar e dar aos repórteres a liberdade de desenvolver suas pautas e, conseqüentemente, escrever suas reportagens. São autores destaques nesta época: Fernando Morais, Ruy Castro e Zuenir Ventura. O período pós-ditadura proporcionou, nos anos 80, grandes relatos fiéis dos acontecimentos, contidos em livros-reportagem, como melhor detalha este histórico a escritora Gabriela Weber de Morais em seu texto “Livro-reportagem: amalhando experiências para contar uma história”, publicado no site da Universidade Federal do Rio Grande do Sul⁵.

Segundo Lima (2009), em 1990 o livro-reportagem no Brasil decaiu, e os jornalistas engajados na vertente nos dois meios citados acima como inovadores neste tipo de reportagem, acabam por retornar ao jornalismo diário, perdendo, inclusive, seu prestígio.

Naquela época, a reportagem estava quase desaparecida das páginas dos periódicos. Jornalismo Literário... nem pensar. Tinha ficado no passado mais distante a gloriosa era da revista *Realidade* e do *Jornal da Tarde*. Profissio-

⁵O texto pode ser encontrado no site: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/2o-encontro-2004-1/Livro-reportagem%20amealhando%20.doc>.

nais que haviam participado daquele momento criativo da imprensa brasileira estavam sem prestígio nas redações, ou tinham se adaptado à forma mais convencional, ou se transferido para a televisão, para assessores de imprensa (LIMA, 2009, p. 413-414).

O autor complementa que neste momento tinha-se como modelo de jornalismo o utilizado pela Folha de S. Paulo, caracterizado por textos curtos, com muitos dados numéricos, narrativas impessoais e pouca sensibilidade na escolha de temas. O que salvaria a reportagem seria o livro, afirma Lima (2009).

Para Pereira (2008), nos últimos anos os jornalistas têm se destacado na produção de textos biográficos e do subgênero perfil, sua participação é notória e de grande contribuição neste seguimento. O produto final é um livro-reportagem com um conteúdo aprofundado, criterioso e responsável.

Mais do que produzir uma considerável quantidade de biografias, os jornalistas têm moldado uma “nova maneira” de se escrever histórias de vida, rompendo com algumas características das biografias clássicas. Essas “biografias jornalísticas” (biografias escritas por jornalistas seguindo princípios da profissão) são modalidades do livro-reportagem e, assim, se integram ao Jornalismo Literário (PEREIRA, 2008, p.11-12).

A representatividade do profissional do jornalismo no seguimento do livro-reportagem é tamanha que o autor Lima (1995), citado por Pereira (2008) afirma que ambos possuem a mesma essência.

Mas por que o livro reportagem é um instrumento jornalístico? Lima (1995, p. 20) assim explica: “basicamente, a função que o livro-reportagem exerce, apesar de matizes particulares, procede essencialmente, do jornalismo como um todo. Os recursos técnicos com que essa função é desempenhada provêm do jornalismo. E o profissional que escreve o livro-reportagem é, quase sempre, um jornalista”. Assim, o livro-reportagem, como todo trabalho jornalístico, na realidade, é o resultado de um trabalho de pauta, apuração, seleção e construção jornalístico. Contudo, tal trabalho busca um aprofundamento maior da informação do que o que se encontra na imprensa periódica e, por isso, o livro-reportagem integra o chamado Jornalismo de profundidade ou ainda Jornalismo Literário (LIMA apud PEREIRA, 2008, p. 15).

Pereira ainda defende que o jornalismo, aliado à grande reportagem e principalmente ao livro-reportagem, potencializa a linguagem utilizada na obra munido de recursos literários como o grande fator positivo, de não permitir a distinção do vínculo inquebrável com a realidade e o ato de informar os cidadãos quanto a verdade dos fatos, uma das maiores características do jornalismo. Assim, aliando estes pontos é possível retratar a realidade de forma confiável e profunda.

O livro-reportagem surge com o objetivo de mostrar ao leitor uma nova opção de história contada, fugindo da tradicional notícia factual. O primeiro livro-reportagem do Brasil foi publicado no ano de 1902, intitulado de “Os Sertões”, cuja a autoria é de Euclides da Cunha. A história narra de forma diferente o massacre que ocorreu na cidade de Canudos. No texto, o fato não é somente escrito e narrado, mas sim contém a percepção do autor frente aos dados e informações que colheu para contar a história deste acontecimento.

Uma das grandes características do livro-reportagem é a humanização do texto e a observação por parte do jornalista/escritor. Assim, as duas autoras optaram por utilizar estilos de escrita diferentes e que mais lhe foram confortáveis ao passar a humanização necessária para o objetivo do texto.

A observação também é uma das técnicas utilizadas para a produção do texto do livro-reportagem.

A observação também faz parte da apuração e trata-se de uma das competências do profissional. O jornalista tem que estar atento a tudo, pois gestos, atos, movimentos, cenas, ambientes também informam, mesmo a ausência é uma informação. A observação do jornalista deve ser traduzida em dados na construção do texto, não de forma exaustiva e descritiva, mas agregando conteúdo ao tema reportado. O senso apurado de observação capacita o repórter a apreender melhor os elementos que cercam a investigação. A ida a campo faz parte do processo de produção do livro-reportagem, é difícil imaginar sua inexistência na concretização desse suporte (XAVIER e ROCHA, 2013, p. 14-15)

A observação é necessária na apuração dos fatos e durante as entrevistas em profundidade. Cada método e técnica, utilizados neste produto jornalístico, foram pensados com o objetivo de obter um texto compreensível para a maioria dos possíveis leitores, uma leitura agradável e que possa abranger um número maior de público.

Cada característica dos entrevistados, seja gestual, seja na forma de falar, na forma de buscar em sua memória o que ocorreu no período, foi minuciosamente observada pelas autoras, para que nenhum detalhe fosse perdido, a fim de garantir passar, por meio do texto, de forma precisa e segura, as informações obtidas. A observação foi uma prática de extrema importância para o bom resultado na produção do livro-reportagem perfil.

7.2 - A inspiração nas técnicas do Jornalismo Literário

Ao decidir fazer um livro-reportagem, buscamos romper as amarras da informação cotidiana, sem, claro, deixar de utilizar as técnicas apreendidas nas redações por onde passamos durante a jornada acadêmica, assim como o que aprendemos em sala de aula. Mas como define Felipe Pena (2006), por meio do Jornalismo Literário é possível desprender-se de amarras para que o texto atinja objetivos maiores do que os pensados anteriormente, ainda que executemos os princípios básicos do jornalismo diário, tais como: apuração e observação minuciosas. Temos ciência que não praticamos um jornalismo literário de modo profundo, e sim, reiteramos que apenas nos inspiramos nas técnicas deste estilo, bem como na prática do texto biográfico escrito em forma de perfil, considerado um subgênero do jornalismo literário (LIMA, 2009), assim como em potencializações deste estilo de texto com relação a exploração da temática (PENA, 2006).

Afinal, o que é jornalismo literário? Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (PENA, 2006, p. 6-7).

Ainda de acordo com Pena (2006), o Jornalismo Literário é uma estrela de sete pontas. Sendo a primeira relacionada a desenvolver novas estratégias profissionais a partir das técnicas iniciais do jornalismo diário e das redações, como as citadas anteriormente. A segunda ponta diz respeito ao rompimento com a periodicidade e atualidade, visto que não há um deadline, oportunizando o rompimento com o que é cotidiano. O terceiro ponto sugere proporcionar uma visão ampla da realidade, rompendo com o tempo e espaço.

A quarta ponta é relacionada à execução dos princípios de cidadania, como o tema escolhido para ser elaborado pode contribuir para o bem comum. Esta é nossa proposta com o livro-reportagem, fazer com que este alcance o maior número de pessoas servindo de fonte de pesquisa, memória e informação.

Quando escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade. Não, isso não é um clichê. Chama-se espírito público. E é um artigo em falta no mundo contemporâneo (PENA, 2006, p. 8).

A quinta ponta da estrela, segundo Pena, rompe a teoria do Lead, sendo este o primeiro parágrafo do texto que responde às seguintes indagações: Quem? O que? Quando? Onde? Como? Quando? Por que?

Pena (2006) define lide como uma estratégia inventada por jornalistas americanos, pois segundo o autor tal estratégia serve para garantir a objetividade e menos subjetividade nos textos jornalísticos e defende a utilização de técnicas literárias nos textos. “Falta criatividade, elegância e estilo. É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa” (PENA, 2006, p. 8).

Já na sexta e penúltima ponta da estrela, o autor sugere que busquemos fontes diferenciadas, não as habituais. As fontes chamadas oficiais, que sempre são citadas em várias reportagens sobre determinados assuntos são substituídas por personagens comuns, com histórias de vida que rendem uma pauta interessante. Pena (2006) ressalta:

Como não há tempo no jornalismo diário, os repórteres sempre procuram os personagens que já estão legitimados neste círculo vicioso. Mas é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados (PENA, 2006, p.8).

Pena denomina a sétima e última ponta como perenidade, ou seja, a busca pela perpetuação da informação por meio do Jornalismo Literário, principalmente no que tange ao livro-reportagem. O tema deve ser muito bom, instigante, ao ponto de não cair no esquecimento e ser um livro que as pessoas tenham sede por ler, adquirir.

Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação (...) O escritor procura fugir da fugacidade da vida pelo tortuoso caminho das letras. Ele é um otimista por natureza. Tem que acreditar que alguém vai publicar o seu livro, que outros tantos terão interesse em lê-lo e que ele permanecerá nas prateleiras do tempo, amenizando a angústia de sua efêmera existência sobre a terra (PENA, 2006, p. 8-9).

Por fim, Pena (2006, p. 14) define Jornalismo Literário no Brasil como “melodia”, um terceiro gênero formado a partir de dois. O autor cita que há várias classificações de jornalismo literário por parte de autores brasileiros. Para alguns, refere-se à um período de tempo, mais precisamente no século XIX, em que escritores passam a realizar funções de editores, cronistas e autores de folhetins da época. Na concepção

de outros, trata-se de críticas a obras literárias publicadas em jornais. Outros classificam como parte do *new journalism*, disseminado nos anos 60. Para Pena, as definições acima são subgêneros do jornalismo literário.

O autor defende que o jornalismo literário não é uma simples divisão ou relação entre ficção ou verdade, ou da diferença entre informar e entreter, muito menos de jornalismo frente à literatura, mas sim de uma “atitude narrativa em que ambos estão misturados”. Para o autor, “não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia” (PENA, 2006, p. 13-14).

7.3 - Memórias e Biografias

Em seu livro “Páginas Ampliadas”, Edvaldo Pereira Lima (2009) classifica diversos tipos de livros-reportagem e este é uma das bases para a construção do texto, porém em nossas pesquisas bibliográficas percebemos que nossa proposta mais se adéqua, no que tange ao estilo do texto, ao conceito de “Livro-reportagem perfil” (conceito este a que Pereira (2008) chama de “livro-reportagem biografia”) que se relaciona a biografia e a memória, o qual Lima discorre que:

Trata-se de uma obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se geralmente de uma figura olimpiana. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade de um grupo em questão (LIMA, 2009, p.51-52).

Assim, o produto deste memorial, encaixa-se no segundo caso que Lima cita, pois os personagens escolhidos, neste caso os jornalistas da década de setenta, representam os demais profissionais da época escolhida. A vivência, a experiência e as memórias ilustram tudo que foi vivido naquele tempo.

Em relação a sua temática, o produto jornalístico apresentado neste memorial pode enquadrar-se no conceito de “Livro-reportagem história”, pelo fato de utilizar as memórias, como sendo parte da categoria de narrativas biográficas. Lima (2009) define tal tipologia como trabalhos autobiográficos ou não, seja sobre a vida de uma pessoa, seja referente à momentos em que esta participou. Deste modo, não é necessário narrar uma vida inteira. Basta que seja reminiscências de épocas passadas. Um dos momentos de ápice do gênero, comenta Lima (2009), foi quando

um professor de New York, nascido na Irlanda, decidiu publicar uma obra acerca de sua infância pobre.

Porém, a biografia, por meio do subgênero perfil, é o gênero da literatura que encontramos para melhor se adequar às necessidades das autoras. Por um lado queríamos homenagear os profissionais tão importantes para a construção da profissão de jornalista que as autoras escolheram para seguir carreira, por outro lado queríamos documentar fatos e dados históricos pouco divulgados e que com o tempo podem se perder, por isso, a biografia é outra base para o texto do livro-reportagem.

Para Pereira (2008), a biografia narra a história de uma vida, centralizando seu conteúdo nos acontecimentos ocorridos na vida do biografado. Já o perfil detém-se a uma parte da vida do entrevistado e traz um breve resumo da vida do personagem.

Trata-se de gênero democrático, pois pode e é muito utilizado por profissionais de diversas áreas, e os jornalistas não ficam de fora. Diversas são as obras biográficas produzidas por jornalistas tanto no Brasil quanto internacionalmente.

O discurso biográfico é híbrido e, como um subgênero do jornalismo literário, funde os recursos do jornalismo e da literatura, além de usar métodos da História para a reconstrução do passado e de ser visto, muitas vezes, como um local de preservação da memória (PEREIRA, 2008, p. 1).

Como o livro trata da história dos jornalistas locais, para que, por intermédio de suas histórias de vida o leitor possa ser transportado para a realidade que está sendo narrada e que conheça sobre o jornalismo na década de 1970.

Cada parágrafo é uma história de vida, uma biografia do personagem entrevistado e com o diferencial de respeitar a linguagem falada, as características únicas de cada personagem. Assim, a abordagem dos profissionais por meio da entrevista em profundidade se faz necessária como importante aliada na contação da história de vida destes.

Com o foco nos personagens e seus relatos, fazemos uso da memória de cada indivíduo entrevistado, pois ela é possuidora de um acervo importante para a história do jornalismo ainda não contada, mas é claro que existem alguns casos em que os jornalistas importantes para a narrativa do projeto já tenham falecido, então procuramos entrevistar algum parente, colega, e assim inseri-lo mesmo que de forma indireta no trabalho. E tal prática é permitida no gênero utilizado.

[...] no gênero memória, propriamente dito, apesar de, assim como nas autobiografias, o biógrafo usar sua memória como fonte, nem sempre a narrativa tem como foco principal a vida do autor, podendo se centralizar na vida de outras pessoas, geralmente com as quais o biógrafo conviveu intimamente (PEREIRA, 2008, p. 02)

No livro-reportagem que nos propomos a escrever, a história do Jornalismo Amapaense foi contada a partir das memórias de jornalistas que atuaram na década de 70. Portanto, as narrativas destes personagens representam a base de nosso livro, a partir de entrevistas aprofundadas. Desta forma, as memórias das fontes são cruciais para o desenvolvimento deste.

Enquanto nos recusamos a aceitar o nosso passado, em lugar nenhum, em nenhum continente, teremos um futuro diante de nós [...] Tenha consciência de suas origens: se conhecer suas origens, aí não haverá limites que você não possa superar (BALDWIN apud CAVALCANTE, 2013, p. 08).

Lima (2009, p. 127) entende memórias como um resgate psicológico e social. A partir da reconstrução narrativa é possível ultrapassar limites da informação seca, concreta e alcançar uma grandiosa compreensão acerca da realidade dos atores sociais e da situação apresentada.

Além das fontes presenciais e entrevistas em profundidade *in loco*, utilizam-se documentos históricos, artigos, monografias, matérias jornalísticas publicadas na época, obras literárias, tudo pensado como forma de garantir a transparência e veracidade das informações que as fontes apresentam retiradas de suas memórias, uma vez que a memória é passível de perda, de incertezas.

Vilas Boas (2004) classifica as fontes de referencialidade em dois tipos: as primárias, que são as fontes gravadas ou impressas que não dependem da memória humana no presente da investigação (documentos, cartas, autobiografias, etc.), e as secundárias, ou seja, as que dependem da memória humana (entrevistas feitas pelo biógrafo no momento do processo de captação). Segundo o autor, as primeiras são mais confiáveis do que as segundas, por estas serem baseadas em lembranças. Junto a um árduo trabalho de pesquisa estão a seleção dos acontecimentos mais representativos e a construção de uma narrativa atraente e significativa (VILAS BOAS apud PEREIRA, 2008, p.4).

Pereira (p.8, 2008) afirma que a memória constrói o ponto de vista do indivíduo sobre a realidade resultante do passado e presente na vida da pessoa que acaba

dando significado a este ponto de vista. Segundo o autor, a memória é fruto do passado, mas com influências e significação frente ao presente.

Assim, lidar com lembranças é uma tarefa que envolve muitos riscos e, por isso, precisa ser realizada da maneira mais rigorosa possível, afim de que se consigam as informações mais verdadeiras possíveis para a reconstrução da vida do biografado o mais aproximado que ela realmente foi (PEREIRA, 2008, p.9).

A produção do livro-reportagem preocupou-se com possíveis falhas da memória em relação a fatos pertencentes a momentos históricos do Amapá, como dito anteriormente, embasando-se em documentos e materiais que comprovem o que os entrevistados relatam, mas também confia nas fontes e na capacidade delas de cumprir seu papel de jornalista em relação à “verdade” dos fatos e suas possíveis versões.

Desta forma, imergindo no universo de memórias dos personagens, foi possível descobrir fatos, acontecimentos que nunca tenham sido relatados em uma obra de cunho jornalístico local sobre o assunto que nos propomos a explorar.

De acordo com Michael Pollak (1989), ao propormo-nos a lidar com a memória das pessoas e com suas histórias de vida, esbarramos com o que ele denomina de “não ditos”. Os silêncios geralmente ocorrem nas entrevistas quando diz respeito a assuntos polêmicos demais ou ligados aos sentimentos das pessoas. O entrevistador então se vê no meio de um dilema: respeitar o silêncio da fonte, ou tentar instigá-la a contar o que, a priori, deseja omitir, seja para preservar-se, seja para evitar conflitos exteriores.

Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outras zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos (...) É aí que intervém, com todo o poder, o discurso interior, o compromisso do não-dito entre aquilo que o sujeito se confessa a si mesmo e aquilo que ele pode transmitir ao exterior (POLLAK, 1989, p. 8).

Alguns grandes nomes da comunicação local já “se foram”, e com eles, histórias, momentos, informações de grande relevância para a biografia do jornalismo local

também possam ter deixado de ser registradas. Por outro lado, há aqueles depoimentos silenciados pela história oficial de um meio de comunicação, ou até mesmo pela história oficial do Estado, e que agora podem, por meio da memória, trazer à tona fatos que antes estavam silenciados, escondidos, subterrâneos. Para Michael Pollak (1989), a memória pode ser definida como: seletiva, como um fenômeno construído, é um elemento constituinte do sentimento de identidade. Assim como a identidade, é fruto de disputas. O autor exemplifica tal fato com acontecimentos em que há conflito entre o que uma sociedade civil guarda em sua memória subterrânea, ou seja, informações que não foram reveladas pela história oficial, desta forma, existindo apenas o que é do interesse dos grupos dominantes.

Da mesma forma que a memória serve para fazer referência ao passado, em alguns casos ela se dá de forma complementar, ou seja, para reforçar o que já se sabe, o que já faz parte de uma memória coletiva. Em outros casos, memórias subterrâneas individuais geram oposições, revelam parte da história que foi esquecida, ou que não veio à tona por interesses de uma maioria. Pollak (1989, p. 9) afirma: “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis”.

8. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho é pautada no conceito de memória subterrânea, de Michel Pollak, que prioriza relatos pessoais que não são observados pela história oficial e pela grande mídia. Para ele, estas memórias não oficiais vão além da que é considerada coletiva e pertencente ao senso comum nacional. E o trabalho que buscamos apresentar segue esta linha de raciocínio priorizando as lembranças de pessoas que não foram entrevistadas pela história oficial, cujas informações pessoais e fatos vivenciados possuem uma versão dos fatos respeitada e por isso merecem ser ouvidos e compartilhados.

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade (POLLAK, 1989, p.2).

Nossos entrevistados inserem-se na ideia da memória subterrânea no sentido de serem vozes de resistência, trazendo versões alternativas à história dos fundadores destes meios de comunicação, dos gestores estatais e de empresas privadas. Pollak (1989, p. 2) afirma ainda que “essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados”. Acreditamos que o fato de não existirem obras e pesquisas sobre uma prática cuja importância para a construção do senso crítico da sociedade é fundamental, como o jornalismo, seja algo tão preocupante quanto um momento de crise, pois os jornalistas que estiveram atuantes durante os primeiros passos da prática jornalística, estão em idade avançada, e partindo. Suas memórias não devem ser ignoradas.

A escolha da técnica de entrevista ocorreu devido a sua grande utilidade e notória eficiência no que tange a trabalhos científicos e nos textos jornalísticos. A entrevista é uma das técnicas base para qualquer texto jornalístico, portanto, torna-se imprescindível para a elaboração de um livro-reportagem deste porte e assunto. O conceito de memória subterrânea é aliado à utilização de entrevistas em profundidade para obter dos entrevistados, neste caso os jornalistas locais, as informações e as versões da história do jornalismo amapaense direto na “fonte”⁵. Através das entrevistas em profundidade e de história de vida, queremos imergir nas experiências dos personagens que vivenciaram a construção da prática jornalística amapaense e conduzir o leitor pelo mesmo caminho.

De acordo com Ribeiro (2008 p.141) a entrevista é:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores (RIBEIRO, 2008, p.141).

A linguagem escolhida para ser utilizada no texto do livro-reportagem foi a linguagem jornalística, inspirada em Nilson Lage (2012) e Mario Erbolato (2004) e as técnicas específicas de narração e descrição do Novo Jornalismo, com o estilo do

⁵Segundo LAGE (2001), as fontes podem ser definidas como: oficiais, oficiosas, independentes, primárias, secundárias, testemunhais e experts. No caso deste livro-reportagem perfil, as autoras consultaram fontes testemunhais que acompanharam e vivenciaram a prática jornalística da década de 70 e que, foram utilizadas como personagens. Utilizaram-se também de fontes experts, como historiadores e jornalistas, a exemplo de Edgar Rodrigues, que possui pesquisa sobre o tema, como o texto “As comunicações sociais no Amapá”, único ao qual tivemos acesso voltado especificamente para o foco do trabalho.

texto de perfil (LIMA, 2009), embasado na memória dos personagens, por sua liberdade de escrita e produção que permitiu a produção de um texto mais leve ao leitor.

Suas técnicas foram importantes na produção dos textos, pois acreditamos que por se tratar da utilização de relatos e memórias de pessoas reais, transcrevê-las com cuidado é uma obrigação, mas acrescentar uma linguagem com ferramentas de narrativa - por vezes em linguagem poética e em outras com utilização do tom humorístico – e foi a proposta das autoras para passar toda a importância, vivência e carga emocional que tais memórias significam.

No artigo ‘Para compreender o jornalismo literário’, de autoria da jornalista Angélica Fabiane Weise, publicado em 2013, no blog Sephatrad⁶, ela afirma que o jornalismo é um fato da realidade e a literatura é a realidade somada à ficção. Portanto ainda segundo a autora, o jornalismo literário seria uma mescla de ambos, respeitando o dever de informar. Ela diz ainda que a junção destes resulta em um ganho de vocabulário, aprofundamento quanto ao conteúdo apresentado e melhoria na estrutura da narrativa, sempre buscando manter a essência jornalística, cuja importância para o texto é importantíssima.

É neste sentido que buscamos escrever e contar a história do jornalismo amapaense, ouvindo as fontes, contando suas histórias, respeitando a realidade dos fatos, mas com a liberdade criativa necessária para produzir uma bela obra jornalística/acadêmica.

Quisemos narrar a história dos jornalistas escolhidos, cujas memórias estão vivas e são fatos irrefutáveis devido ao seu compromisso com a verdade por serem profissionais da comunicação. Com a construção das histórias biográficas de cada jornalista, podemos ter a real noção de como se desenvolveu o jornalismo no Amapá, respeitando a década delimitada (70), como era a prática do jornalismo neste período, quais eram as notícias que estampavam as capas dos jornais, que eram ouvidas pelas ondas do rádio ou vistas nos telejornais e as características dos profissionais que serviam de base para o desenvolvimento desta prática de comunicação no estado.

Não deixamos de cogitar o fato da memória ser falha e que o tempo se encarrega de fazer possíveis confusões, dados serem esquecidos, entre outros; o que faz parte

⁶ O texto pode ser encontrado no site <https://sephatrad.blogspot.com.br/2013/01/para-compreender-o-jornalismo-literario.html>

do processo de criação e recriação da memória (GONÇALVES, 2012). Portanto, utilizamos de textos e bibliografias históricas para comparar com os fatos narrados e garantir a seriedade e a manutenção da verdade – e suas possíveis versões.

Os relatos foram coletados, decupados e organizados para que o texto do livro-reportagem ganhasse forma, acompanhado de imagens produzidas no momento da entrevista.

9. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O Produto deste Memorial é o Livro-Reportagem perfil (LIMA, 2009) “O Jornalismo Setentinha: A História da Imprensa Amapaense na Década de 70” que retrata a realidade da comunicação social na década de 70, mais precisamente os veículos de comunicação jornal impresso, rádio e televisão, por meio do perfil (subgênero da biografia) de profissionais jornalistas que atuaram na época.

Por meio de suas histórias profissionais é possível visualizar a realidade da profissão nos anos 70. Como era o processo de apuração, a produção da pauta, o tipo de notícia, as influências externas que eles sofriam, os veículos que existiam e como eram conduzidos. Esses profissionais entrevistados ainda atuam na área e podem, com propriedade, apresentar uma reflexão sobre o que mudou, seja para o bem ou para o mal no jornalismo amapaense atual, proporcionando uma reflexão ao leitor.

O Livro contém 7 capítulos, sendo 6 capítulos escritos separadamente e assinados pelas autoras (cada uma escreveu 3), ou seja, um livro em coautoria, e em tom autoral, trazendo assim a história dos meios de comunicação por meio do perfil de seus personagens.

Cada história de vida, de cada entrevistado, é utilizada como primeiro plano para criar um capítulo (destinado a um personagem) e por meio de seu perfil biográfico, o pano de fundo é a atuação deste profissional no mercado e o que ele lembra de importantes aspectos que caracterizem a década de 70.

O último capítulo é o único do produto escrito em parceria pelas duas autoras que apresentam pequenos relatos de pessoas comuns e outros jornalistas que não foram incluídos como personagens principais, para falarem aleatoriamente sobre as experiências da década de 70. No entanto, continuamos seguindo o estilo do perfil jornalístico com as fontes citadas no capítulo. Um exemplo trazido nesta parte do

texto, é a sensação de ver pela primeira vez um aparelho de televisão, a primeira transmissão, o prazer em reunir a família em torno do rádio para acompanhar a programação e relembrar importantes profissionais do jornalismo que não estão mais entre nós.

A ideia de cada autora escrever um capítulo maior foi pensada para dar liberdade de escrita e pensamento. Como as duas possuem vertentes e influências diferentes, acreditamos que passar isso ao leitor por meio do texto seria uma experiência interessante e válida. A autora Eloisy Karoliny Almeida dos Santos, por exemplo, utiliza em seus textos a escrita mais humorada, com tons de ironia. Ela baseia-se no autor Ruy Castro, reconhecido por suas obras biográficas, como *O anjo pornográfico*, *Garrincha: a estrela solitária* e *Carmem Miranda*, ou pelas narrativas inspiradas na bossa nova e no Rio de Janeiro, cujos textos são marcados por muita informação, ironia e humor.

A autora Silvia Andréa dos Santos Cruz Maciel, em seus textos, faz uso da linguagem mais poética como forma de romantizar e humanizar seu texto. Sua busca por inspiração e base recai nos textos do jornalista, poeta e letrista de música, Ademir Assunção, profissional que possui nove livros publicados, dentre eles podemos destacar obras como: *A Máquina Peluda* (1997), *Cinemitologias* (1998), *Zona Branca* (2001), *Adorável Criatura Frankenstein* (2003), entre outros. Ele faz muito uso da linguagem poética em seus textos jornalísticos e defende este tipo de escrita.

Vale ressaltar que em todas as entrevistas, as duas autoras estiveram presentes e após cada encontro, nos reunimos e discutimos a melhor forma de conduzir o texto, as nuances que cada uma percebeu de singular no entrevistado e que possuísse importância para o contexto da narrativa, bem como quem seria responsável por escrevê-lo.

As autoras buscaram inspiração também nos autores Fernando Moraes e Caco Barcellos para decidir quanto ao uso de travessões para designar as falas mais longas de cada personagem; como Moraes fez em *“Olga e o Mago”*; e Barcellos nas obras *“O Abusado”* e *“Rotta 66”*. No caso do livro-reportagem perfil, produto deste Memorial, as aspas (”) foram utilizadas em pequenas citações, conforme inspiração nos usos de Fernando Moraes. As aspas simples (‘) estão presentes quando há uma fala de memória dentro de uma fala em aspas ou travessão. Ou seja, quando um personagem tenta reproduzir exatamente o que disse ou o que lhe disseram.

Cada capítulo biográfico tem como nome uma frase de efeito que o personagem tenha dito durante a entrevista com as autoras. Ela é escolhida conforme o tom da entrevista e o tema que mais é ressaltado no capítulo em questão. Todos os personagens passaram pelos três veículos de comunicação (jornal impresso, rádio e televisão), e isso é colocado no texto, mas há sempre um meio com o qual o personagem se identifica mais, possui mais conhecimento ou atuou por mais tempo e relevância, este geralmente é o destaque de seu capítulo biográfico.

As entrevistas aconteceram no período de novembro de 2016 a março de 2017, na seguinte ordem: professor Antonio Munhoz (que por não se lembrar de muitos detalhes da época de 70, tornou impossível utilizar sua fala como personagem principal, pois não havia material suficiente para um grande capítulo, mas como sua experiência e história é válida, o utilizamos no capítulo dos relatos), Ruy Guarani, Evandro Luiz Pinheiro, Edgar Rodrigues, Alcinéa Cavalcante, Humberto Moreira e João Silva. Com exceção do primeiro entrevistado, o professor Antonio Munhoz que recebeu as entrevistadoras na Confraria Tucuju, os demais profissionais nos receberam em suas próprias residências.

Cada entrevista teve a duração de uma a duas horas e foram complementadas com ligações ou por e-mail, para tirar dúvidas ou acrescentar informações.

A edição do texto foi feita pela autora Silvia Andréa dos Santos Cruz Maciel, com orientação da professora Dra. Roberta Scheibe. No que diz respeito a diagramação, quem a efetuou foi também a Silvia Andréa dos Santos Cruz Maciel, que optou por utilizar o monocromático em preto e branco, para remeter ao passado, a falta de colorido da televisão, jornal impresso e obviamente do rádio.

O estilo escolhido para a diagramação é o *clean*, um estilo que significa exatamente a sua tradução para o português: limpo, ou seja, sem muitos adornos e poluição visual, apostando no simples e de fácil leitura. As cores ficam na escala preto e cinza.

As fotos que ilustram o livro-reportagem perfil foram feitas pelas próprias autoras no momento das entrevistas com os personagens. A escolha de cada imagem é pautada na qualidade da imagem, nitidez e está de acordo com o conteúdo abordado no capítulo em questão. A fonte escolhida é Bell MT regular, *italic* e *bold* por ser mais fina e limpa, compactuando com o estilo *clean* escolhido, nítido e sério, com espaçamento simples, para separar de forma notória cada linha e facilitar a leitura.

Quanto aos valores, foram gastos apenas com a impressão e cópia deste Memorial, e com os 3 CDs que foram gravados pelas próprias autoras. A descrição com os valores individuais e o total gasto está discriminado no item “Orçamento” deste Memorial. O produto Livro-reportagem será apenas digital em versão PDF e publicado no site da Agência de Comunicação Experimental (AGcom) da Universidade Federal do Amapá.

Além das fontes presenciais e entrevistas em profundidade *in loco*, utilizam-se como fonte de pesquisa, documentos históricos, artigos, monografias, matérias jornalísticas publicadas na época, obras literárias, tudo pensado como forma de garantir a transparência e veracidade das informações que as fontes apresentam retiradas de suas memórias, uma vez que a memória é passível de perda, de incertezas.

Não foi fácil chegar a esse resultado final. Muitos percalços surgiram no meio do caminho, dentre os quais podemos citar cansaço mental e físico, visto que ambas autoras além de acadêmicas, trabalham em dois horários. Noites, madrugadas, feriados, fins de semana, lendo, pesquisando, buscando referências no estilo textual de autores do Novo Jornalismo.

Buscamos manter o foco e não deixar com que as dificuldades atrapalhassem ou até mesmo comprometessem a qualidade do livro, que nos cobrou muita criatividade, revisão e cuidado, a cada palavra escrita, garantindo o compromisso e responsabilidade com as histórias de vida e memória de cada fonte entrevistada.

Eloisy Santos é mãe e Andréa Maciel gestante desde antes do início da produção do livro-reportagem. A expectativa era muito grande e a luta árdua, dia após dia, de correria, entrevistas noturnas e aos fins de semana, abdicando de momentos especiais com a família e amigos, para terminarmos com êxito o livro, antes do nascimento da filha de Andréa, que foi, junto com a primogênita de Eloisy, a injeção de ânimo para nós duas, superando os limites quando uma fonte estava difícil de ser acessada ou um morador que reside no Estado há muito tempo não estava em solo amapaense justamente no período que delimitamos.

Informações preciosas e que rendem uma narrativa interessante, só podem ser alcançadas por meio do contato próximo e profundo entre repórter e entrevistado. É neste viés que trabalhamos na produção de nossa obra.

Valdete Boni e Sílvia Jurema Quaresma, em seu artigo denominado “Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais”, publicado na Revista Eletrônica “Em tese” ⁷no ano de 2005, discorrem sobre o que abordamos no parágrafo anterior.

Com relação à história de vida (HV) (...) como uma entrevista em profundidade, tem como ponto principal permitir que o informante retome sua vivência de forma retrospectiva. Muitas vezes durante a entrevista acontece a liberação de pensamentos reprimidos que chegam ao entrevistador em tom de confiança. Esses relatos fornecem um material extremamente rico para análise. Neles se encontram o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual (BONI e QUARESMA, 2005, p. 73).

Devido a sua relevância o método história de vida foi o escolhido pelas autoras que buscavam realizar entrevistas em profundidade buscando esmiuçar a trajetória de cada personagem para contar a história do jornalismo amapaense na década de 70.

⁷O texto pode ser encontrado no site: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>

10. CONCLUSÕES

Nossa maior preocupação quando idealizamos produzir um livro-reportagem sobre o jornalismo amapaense, era utilizar métodos e técnicas confiáveis e efetivas para alcançar o objetivo do produto que é retratar a realidade da época que denominamos de “setentinha”, o mais próximo possível.

Já tínhamos em mente, de início, que para contar a história da imprensa amapaense na década de 70 era partir do olhar e das memórias de quem as vivenciou, neste caso, escolhemos os jornalistas e até pessoas comuns para que diversos olhares estivessem presentes no trabalho.

Ao optarmos pelo gênero da biografia, subgênero perfil, para retratar os personagens no interior do livro, tivemos nossa hipótese, num primeiro momento, confirmada. Apresentamos as memórias dos personagens ao leitor, com sua narrativa revivida e reconstruída, fazendo com que o leitor viajasse junto com a narrativa para o período foco do trabalho.

Quanto ao conteúdo do produto, percebemos que não poderíamos ter escolhido melhor década do que a de 70, visto que nela fica notória - por meio dos relatos de profissionais e estudiosos do período - a ascensão do jornalismo. Este período abrange e dialoga com diversos fatos históricos marcantes que construíram não somente o fazer jornalístico como também a história do estado do Amapá. Assim como, este período é o que profissionaliza todos os veículos de comunicação de massa (jornal impresso, rádio e televisão) no Amapá e isso não seria possível se escolhêssemos décadas diferentes para o presente trabalho.

Amadurecemos a proposta junto à nossa orientadora e chegamos à conclusão de que adequando nossa ideia aos moldes do Novo Jornalismo, utilizando como ferramenta o livro-reportagem perfil, pois assim, foi possível chegar ao resultado que esperávamos, um texto inspirado neste estilo, mais suave e de fácil leitura, com toques dos sentimentos vivenciados durante as entrevistas e que movimentam o enredo do livro, como emoção, tristeza, melancolia, ironia, etc.

As memórias destes profissionais são ressaltadas, pois é nelas que está o material inédito, real e único que retrata a atividade jornalística e o fazer jornalístico. Esta parte da história precisa ser divulgada para que não seja perdida com o passar do tempo à medida em que estes personagens se vão.

Como problema encontramos a dificuldade de acesso a materiais bibliográficos relacionados ao tema proposto nesse trabalho, assim como o fato de que os possíveis personagens/jornalistas, que atuaram na década de 70, estão com idade avançada e cumprindo o ciclo natural da vida. Suas memórias se perdem com sua partida. Portanto, buscamos criar um livro-reportagem que busca amenizar as dificuldades encontradas, como apresentado na hipótese deste memorial.

Buscando pela melhor maneira de explorar, registrar e documentar relatos de jornalistas que foram extremamente atuantes, em quase todos os meios de comunicação dos anos 70, nos deparamos com a definição de “Livro-reportagem perfil” (LIMA, 2009). Por meio deste conceito trabalhamos em cima da história de vida dos personagens, executando entrevistas em profundidade, para garantir que cada um relatasse sua trajetória de forma minuciosa e ressaltando sempre as peculiaridades do fazer jornalístico da época; para que pudéssemos fazer das suas experiências de vida, o plano de fundo a partir do qual destrinchamos a história do jornalismo amapaense dos anos 70.

Para conseguir documentar estes relatos e desenvolver a proposta, utilizamos de linguagem jornalística com requintes literários. Buscamos deixar sobressair nas entrelinhas, de forma leve e dinâmica, as características do Novo Jornalismo. Diálogos, narração cena a cena, descrição das características físicas, gestuais, dos ambientes onde ocorreram os encontros com os personagens foram utilizados. Assim como aproveitamos as descrições que os próprios personagens relataram sobre a época, para conseguir alcançar o objetivo de transportar o leitor não só para o ambiente de entrevista, mas também para o Amapá de antigamente. Com isso acreditamos ser possível que o leitor tire as suas próprias conclusões, pense e reflita sobre a imprensa de antes e a de hoje.

A última, porém não menos importante meta que nos propomos a alcançar, e efetivamos, foi a de materializar e colocar à disposição de quem quiser usufruir, uma bibliografia específica da nossa década foco. Isto a diferencia das bibliografias que encontramos na maioria de nossas pesquisas, em que a história do jornalismo amapaense é contada de forma geral, sem um estudo específico deste momento em que, pela primeira vez a população amapaense tinha acesso aos três meios de comunicação vigentes e latentes até hoje: rádio, impresso e TV, tendo esta última surgido justamente naquele momento.

Passar a emoção, registrar memórias que podem ser perdidas com o tempo ou com a partida de seus detentores, gravar as ações de pessoas que deram passos importantes para a profissão de jornalista no Amapá, também foi uma de nossas ideologias ao pensar neste tema. É claro que existem muitas outras décadas de história que devem ser registradas, mas a década de 70 possui uma abrangência muito importante para o sucesso deste projeto, que é a existência dos três meios de comunicação em pleno funcionamento no Estado do Amapá: Jornal Impresso, Rádio e Televisão, por isso ela foi a escolhida.

Os fatos históricos como a influência da Ditadura Militar, a oposição entre as rádios Educadora e Difusora e Difusora, a implantação da Polícia Militar, estão presentes na narrativa de cada personagem e ajudam a contar a história do jornalismo amapaense e um pedaço da história do próprio Estado.

Poder disseminar com o próximo um conhecimento que nós sentimos, ainda na academia, a necessidade de acessar, é algo indescritível. O sentimento de dever cumprido fica registrado, em cada página do Livro-reportagem perfil “O Jornalismo Setentinha: A História da Imprensa Amapaense na Década de 70”.

Vale ressaltar também que este livro-reportagem abre espaço para que outros estudos, pesquisas e também outros livros aconteçam. Tanto a década de 70 quanto as demais podem ser exploradas e acrescentam mais conhecimento e referencial teórico para as atuais e futuras gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Isabel; SCHEIBE, Roberta. Por uma conversão do olhar: Desbravações epistemológicas no Amapá. *Jornal Alcar*. Ano 2. nº 9. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar-9/por-uma-conversao-do-olhar-desbravacoes-epistemologicas-no-amapa> Acesso em: 05 abr. 2017.

CAVALCANTE, Joice. **Relatório técnico-científico do livro-reportagem coletivo aparecidos políticos: arte em protesto. 2013.** Disponível em: <http://www.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/JOR/RELATORIO%20TECNICO%20CIENTIFICO%20DO%20LIVRO%20REPORTAGEM%20COLETIVO%20APARECIDOS%20POLITICOS%20ARTE%20EM%20PROTESTO.pdf>. Acesso em: 12 de agosto de 2016.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Editora Record, 2001.

LIMA, Edivaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** 4ª edição revista e ampliada. Editora Manole, 2009.

PEREIRA, Lidjane dos Santos. **A Biografia no Âmbito do Jornalismo Literário.** Revista Eletrônica Temática. 2008.

PENA, Felipe. **O Jornalismo Literário como gênero e conceito.** 2006. Disponível em: <http://felipepena.com/wp-content/uploads/2015/03/jornalismo-literario-genero-conceito.pdf>. Acesso em: 16 ago 2016.

POLLAK, Michael. **Memórias, esquecimento, silêncio** in *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, volume 2. nº 3. 1989.

PRIMEIRO Jornal De Macapá. **Achei Macapá.** 2013. Disponível em: <http://www.acheimacapa.com.br/noticia/89/primeiro-jornal-de-macapá> Acesso em: 05 mar 2017.

RIBEIRO, Elisa Antônia. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa.** Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, maio de 2008.

ROCHA, Ana Luiza. ECKERT, Cornélia. **Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas.** Gráfica e editora Pallotti, 2013.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico.** *Rumores*. Volume 7. nº 14. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/viewFile/69434/72014> Acesso em: 03 abr. 2017.

RODRIGUES. Edgar. **As Comunicações Sociais no Amapá.** Disponível em: http://www.achetudoeregiao.com.br/ap/macapa/As_comunicacoes_sociais.htm Acesso em: 18 ago. 2016.

ROMERO, Wilson Antonio. **O nascimento do jornalismo no Brasil**. 2008. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/o-nascimento-do-jornalismo-no-brasil/> Acesso em: 20 ago. 2016.

WEISE, Angélica Fabiane. **Para compreender o jornalismo literário**. Disponível em: <https://sephatrad.blogspot.com.br/2013/01/para-compreender-o-jornalismo-literario.html> Acesso em: 04 de abr. de 2017.

ANEXOS

CRONOGRAMA

A realização do Projeto teve início ainda no Pré-Projeto de Pesquisa que aconteceu juntamente com o início do 1ª semestre de 2016, no mês de agosto, com as aulas da disciplina de Projeto Experimental, ministradas pelo professor Dr. Rafael Wagner Santos Costa. Por meio de orientações individuais com este professor e posteriormente com a Professora Dra. Roberta Scheibe o texto do pré-projeto experimental foi construído. As atividades relacionadas ao pré-projeto experimental e demais atividades destinadas ao projeto experimental do livro-reportagem até sua finalização estão programadas conforme o cronograma abaixo:

Atividades	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.
Pesquisa para o Pré-Projeto	X	X								
Produção do Pré-Projeto		X								
Pesquisa para Produção do Projeto de TCC		X	X							
Agendamento de entrevistas com Jornalistas e Historiadores				X	X	X	X	X		
Realização de entrevistas com Jornalistas e Historiadores				X	X	X	X	X		
Decupagem das Entrevistas					X	X	X	X		

ORÇAMENTO

O Livro-Reportagem perfil: O Jornalismo Setentinha: A História da Imprensa Amapaense na Década de 70”, foi realizado e produzido pelas autoras, com orientação da professora Dra. Roberta Scheibe. A escrita, as entrevistas (*in loco*, por telefone ou email) também foram realizadas pelas autoras. Assim, as únicas atividades que serão feitas por outras pessoas e, portanto, irão gerar ônus são: as impressões e cópias finais e a encadernação, assim como os DVDs gravados, como é possível ver na tabela abaixo.

Descrição	Quantidade	Valor
Impressão do Memorial	1 com 41 páginas	R\$ 25 centavos por página
Cópia do Memorial	2	R\$ 7 centavos por página
Encadernação do Memorial	3	R\$ 2,50 cada via
DVDs gravados	3	R\$ 2,50 por unidade
		TOTAL R\$ 31,24

PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL

O Livro-Reportagem perfil: “O Jornalismo Setentinha: A História da Imprensa Amapaense na Década de 70”, teve seu projeto gráfico feito no programa InDesign, com as margens mais grossas medido largura 148mm e altura 210mm, espaçamento simples e escala de cores em preto e cinza. Apenas as fotos coloridas.

Cada capítulo possui uma foto logo na abertura. As foram feitas pelas autoras do livro durante a realização da entrevista.

As autoras optaram por utilizar o monocromático em preto e branco, no que diz respeito às cores do livro-reportagem, para remeter ao passado, a falta de colorido da televisão, jornal impresso e obviamente do rádio.

Quanto ao estilo da diagramação, este é o *clean* um estilo que apresenta um visual limpo, sem muitos adornos e poluição visual, apostando no simples para facilitar a experiência de imersão e leitura.

A fonte escolhida é a Bell MT regular, *italic* e *bold* por ser mais fina e limpa, para fazer jus ao estilo *clean* escolhido.